



revista  
brasileira  
de estudos  
em dança

# O Estágio na educação básica

desafios e descobertas da experiência da docência em dança

The Internship in Basic Education:  
challenges and Discoveries in the Experience of Teaching Dance

Flávia Marchi Nascimento

Francine Sampaio de Souza

Mariana Martins da Pia

NASCIMENTO, Flávia Marchi; Souza, Francine Sampaio de; PIA, Mariana Martins da. O estágio na Educação Básica: desafios e descobertas da docência em dança. *Revista Brasileira de Estudos em Dança*, Rio de Janeiro 03(06), e030606, 2024.2

## RESUMO

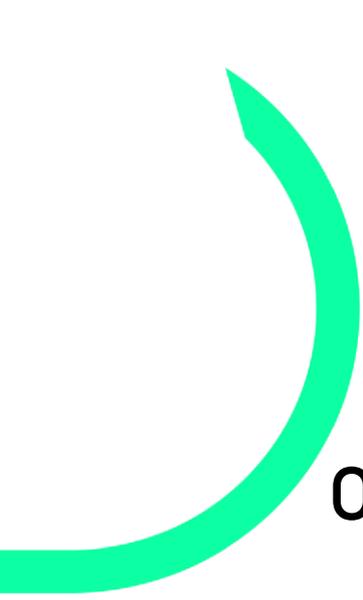
O presente texto resulta de uma pesquisa qualitativa inspirada em Josso (2004), que destaca a reflexão sobre a experiência como elemento central na formação docente. Nesse sentido, o estudo aborda a vivência do estágio em dança, tanto no processo de formação profissional das autoras quanto na experiência pedagógica com uma turma do nono ano do Ensino Fundamental de uma escola pública em Pelotas/RS. As discussões fundamentam-se nas reflexões sobre a docência em dança realizadas durante o Estágio em Dança nas Séries Finais do Ensino Fundamental, considerando também as percepções dos estudantes que participaram das aulas de dança no componente curricular de Artes. Para as reflexões apontadas no texto, levamos em consideração as anotações realizadas nos diários de campo do estágio e a coleta de dados foi realizada através de cartas escritas pela turma da escola envolvida durante o referido estágio. Nessas cartas, os estudantes expressaram suas percepções, expectativas e experiências em relação às aulas de dança. A análise de conteúdo (Bardin, 2011) foi empregada para interpretar as mensagens, que foram transcritas, analisadas e apresentadas a partir de duas grandes categorias: expectativas em relação às aulas e ampliação da compreensão sobre o que pode ser considerado dança. A primeira categoria evidenciou a baixa expectativa dos alunos em relação à dança como linguagem artística, indicando a necessidade de sua maior inserção na educação básica. Além disso, revelou a visão da dança como mera reprodução de coreografias ou associada a estereótipos de gênero. Na segunda categoria, o estágio foi destacado como espaço essencial para a inserção da dança no ambiente escolar, promovendo uma compreensão ampliada sobre o papel da dança. Essa experiência contribuiu não apenas para o desenvolvimento do pensamento crítico dos estudantes, mas também para a formação dos/as futuros/as professores/as de dança. O estágio permitiu lidar com situações reais, como a gestão de turma, a elaboração de planos de aula e a condução de atividades que estimularam a criatividade e a expressividade dos alunos. Esses processos, vivenciados ao longo do estágio, foram cruciais para a consolidação da identidade docente e para a reflexão crítica sobre o papel transformador da dança no contexto escolar.

**PALAVRAS-CHAVE:** estágio em dança; escola; educação básica.

## ABSTRACT

The present text is the result of a qualitative research inspired by Josso (2004), which emphasizes the reflection on experience as a central element in teacher education. In this context, the study addresses the experience of a dance internship, focusing both on the professional training process of the authors and the pedagogical engagement with a ninth-grade class at a public school in Pelotas, Brazil. The discussions are based on reflections about teaching dance during the internship in the final years of elementary school, also considering the perceptions of the students who participated in dance classes as part of the Arts curriculum. For the reflections presented in the text, we considered notes taken in the internship field journals, and data collection was conducted through letters written by the students involved during the internship. In these letters, the students expressed their perceptions, expectations, and experiences regarding the dance classes. Content analysis (Bardin, 2011) was used to interpret the messages, which were transcribed, analyzed, and categorized into two major themes: expectations regarding the classes and the broadening of understanding about what can be considered dance. The first category highlighted the students' low expectations of dance as an artistic language, pointing to the need for greater inclusion of dance in basic education. Additionally, it revealed a perception of dance as merely reproducing choreographies or being associated with gender stereotypes. The second category emphasized the internship as an essential space for integrating dance into the school environment, promoting a broader understanding of its role. This experience contributed not only to the development of students' critical thinking but also to the training of future dance teachers. The internship allowed them to handle real-life situations, such as class management, lesson planning, and conducting activities that stimulated the students' creativity and expressiveness. These processes, experienced throughout the internship, were crucial for consolidating teaching identity and fostering critical reflection on the transformative role of dance in the school context.

**KEYWORDS:** dance internship; school; basic education.



# O Estágio na educação básica: desafios e descobertas da experiência da docência em dança

Flávia Marchi Nascimento (UFPEL)<sup>1</sup>  
Francine Sampaio de Souza (UFPEL)<sup>2</sup>  
Mariana Martins da Pia (UFPEL)<sup>3</sup>

---

<sup>1</sup> Professora do curso de Dança-Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), onde atua principalmente nos estágios supervisionados em Dança. Coordena o projeto de extensão Dançar A2 Pelotas, que promove o ensino das danças de salão e a integração entre a universidade e a comunidade. É graduada em Educação Física pela Escola Superior de Educação Física (ESEF/UFPEL), possui especialização em Pesquisa em Educação Física e mestrado na mesma área, com projetos focados em dança. É doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPEL.

Email: francinesampaiodesouza@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2561-2380>

<sup>2</sup> Acadêmica do Curso de Dança - Licenciatura, da Universidade Federal de Pelotas. Bolsista de Iniciação Científica (CNPq) do Projeto Unificado com Ênfase em Pesquisa Ensino Contemporâneo de Dança na Educação Básica: Pedagogias Possíveis. Monitora voluntária do Projeto Unificado Dançar A2 da UFPEL. Bolsista no projeto de pesquisa Núcleo de Folclore e Culturas Populares da UFPEL (01/08/2022 - 10/07/2023).

Email: francinesampaiodesouza@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-9069-7803>

<sup>3</sup> Acadêmica do Curso de Dança - Licenciatura, da Universidade Federal de Pelotas. Bolsista de Iniciação Científica (CNPq) do Projeto Unificado com Ênfase em Pesquisa Ensino Contemporâneo de Dança na Educação Básica: Pedagogias Possíveis. Atuou como monitora voluntária no projeto Dançar A2 da UFPEL (06/05/2023 - 01/10/2023).

E-mail: marianamartinsufpel@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-8497-7139>

## 1. Primeiros passos

O presente texto trata-se de reflexões acerca das experiências e observações de estágio a partir do que foi desenvolvido durante o componente curricular de Estágio em Dança III, no semestre de 2023/1 em uma escola da rede municipal de Ensino Fundamental na cidade de Pelotas/RS.

O estágio acontece de acordo com o currículo do curso no sexto semestre letivo e tem por objetivo maior fazer com que os discentes do curso de Dança-Licenciatura possam vivenciar práticas pedagógicas de dança com adolescentes dos anos finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio. Nesse estágio em especial, o foco foi no aprofundamento da compreensão da profissão professor/a de dança, dos processos criativos e de avaliação em dança conforme o contexto em que o estágio é realizado. Para isso, foi necessário que as discentes desenvolvessem um programa de ensino de dança para as séries finais do Ensino Fundamental para ser desenvolvido em uma escola local. Deste modo, foram criados planos de ensino detalhados e ao final, elaborado um relato de experiência reflexivo sobre as práticas realizadas, compartilhando e disseminando os conhecimentos adquiridos, o que a partir dele, resultou neste artigo.

Para a realização do referido estágio, as aulas aconteceram com uma turma de 9º ano, último ano do Ensino Fundamental II (Anos finais), composta por adolescentes de 15 a 18 anos de idade, na E.M.E.F Dr. Joaquim Assumpção, localizada no bairro Centro na cidade de Pelotas/RS. A turma era composta por 27 adolescentes, porém, em média, apenas 20 compareciam às aulas.

Nas observações realizadas e levando em consideração todo embasamento teórico e prático vivenciado pelas acadêmicas até o momento da realização do estágio, apostamos em trabalhar o desenvolvimento das habilidades socioemocionais, cognitivas e motoras durante o ensino de Dança na Educação Básica. Dessa forma, o tema escolhido para o desenvolvimento da proposta pedagógica foi Laban, salientando os níveis e os fatores de

movimento (Laban, 1978) e algumas formas de composição em Dança.

Assim, para a escolha do tema para a proposta pedagógica do estágio, levamos em consideração o contexto cultural e social da turma. As observações realizadas na escola e com a turma do nono ano nos indicaram que precisaríamos ir conquistando aos poucos a turma para que pudessem sair da posição em que seus corpos estavam acostumados, ou seja, dentro de uma sala de aula, sentados e enfileirados. Além disso, cabe destacar que a escola Dr. Joaquim Assumpção não tem professor/a específico desta linguagem artística dança em seu currículo. Percebemos também, que a maioria dos/as alunas/as possuíam aparelho celular e utilizavam durante as aulas e intervalos, o que de certa forma, ao nosso ver, contribuí para a cultura do não-movimento na escola (Katz e Grainer, 2005).

Neste processo, compreendemos importante entender quais eram as expectativas que a turma tinha ao receber aulas de dança, algo novo no currículo da escola básica e também quais foram as possíveis mudanças sobre dança nos alunos da escola após a experiência com as aulas. Assim, esta pesquisa desenvolvida a partir de uma abordagem qualitativa, tem como objetivo compreender e analisar as expectativas das/os discentes em relação às aulas de Dança antes, durante e após o estágio desenvolvido e as possíveis mudanças do entendimento desta arte após a experiência da dança no tempo transcorrido. Para tal, utilizamos a análise de cartas que foram realizadas em atividade com a turma ao final do estágio.

Este artigo está dividido na apresentação do contexto do local de realização do estágio em dança e as escolhas pedagógicas desenvolvidas; após dissertamos sobre a Dança na escola básica e Laban como trabalho base no estágio em dança; na sequência são apresentados os caminhos metodológicos percorridos, que desembocaram na escrita de duas grandes categorias de análise: A dança na escola e as expectativas iniciais dos estudantes e Ampliação da compreensão do que é dança: o estágio como campo de descoberta. Por fim, apresentamos as considerações finais.

## 1.1 O contexto do estágio e as escolhas pedagógicas

A Escola Dr. Joaquim Assumpção, está situada no centro da cidade de Pelotas – RS e atende a Educação Infantil, o Ensino Fundamental e a EJA (Educação para Jovens e Adultos). Em relação à infraestrutura da escola, podemos dizer que os espaços externos e internos são amplos. O interior da sala de aula possui um quadro branco, uma lousa, classes e cadeiras que estão distribuídas individualmente. As paredes têm a cor creme, a porta é de madeira e há também cinco janelas com grades. Para além desse espaço, há o pátio que pode ser utilizado para as aulas de dança e a quadra que geralmente, durante estes períodos, era utilizada para a educação física de outras turmas.

A turma em que se desenvolveu o estágio foi a do 9º ano do Ensino Fundamental, com aproximadamente 27 discentes com características bem específicas. Destacamos algumas, como: turma calma, com alunos e alunas participativos/as e realizavam as atividades propostas. No que se refere à relação professor/a-aluno/a, observamos que havia respeito, afeto e compromisso. A docente responsável era cuidadosa, calma e atenciosa com os estudantes, buscando sempre ajudar as/os alunas/os e seu critério de avaliação baseava-se na realização e entrega das atividades propostas em aula.

Após as observações realizadas na escola e com a turma, acreditamos que para a faixa etária em questão (entre 15 e 18 anos de idade) seria importante trabalhar o desenvolvimento das habilidades socioemocionais, cognitivas e motoras no ensino de dança na escola de Educação Básica. Para isso, o tema “Laban”<sup>1</sup> foi escolhido para a ação docente que realizamos. Assim, a fundamentação teórica e prática para trabalhar com uma turma de nono ano do Ensino Fundamental foi baseada na Dança Educativa proposta por Rudolf Von Laban, a qual atribuímos considerável

---

<sup>1</sup> Rudolf Von Laban foi um coreógrafo, bailarino, teatrólogo, musicólogo e intérprete alemão que se interessou pelo estudo da reação do movimento com o espaço que o circunda. Assim, seus estudos geraram importantes contribuições para a dança educativa moderna.

importância por possuir capacidade de contribuir com o desenvolvimento da corporeidade, expressão, ampliação das possibilidades de movimentos, habilidades cognitivas e socioemocionais, relações individuais e coletivas, além de objetivar a potencialidade de cada aluno/a e seu protagonismo.

Segundo Jorosky (2007), o método de Laban fundamenta-se no autoconhecimento, servindo como uma fonte para a criação de experiências significativas e vivas. Esse método permite que o aluno desenvolva uma percepção mais profunda de seu lugar no mundo. Para a autora, ao contrário da pedagogia que foca no aperfeiçoamento de habilidades inatas, os métodos de Laban rejeitam essa abordagem, pois ele acredita que isso limita o indivíduo às suas condições históricas. A aplicação do sistema e elementos de movimento propostos por Laban possibilita tanto o aprimoramento das "afinidades" pessoais já existentes quanto o despertar e desenvolvimento das "não-afinidades", que podem ser evidenciadas, por exemplo, na rejeição a tudo que é percebido como "diferente".

Dessa forma, o planejamento e desenvolvimento da proposta pedagógica teve como tema: Laban, a qual foi fundamentada a partir de Laban (1978). A proposta consistiu em compor coreograficamente com a turma explorando as possibilidades dos níveis espaciais e dos fatores de movimentos descritos por Laban. Utilizamos momentos de improvisação em dança a partir de atividades e jogos que estimulassem a criação de movimentos ora de maneira individual, ora de maneira coletiva.

Foi importante o planejamento que serviu como orientador para todas as aulas que foram ministradas. Sendo assim, buscamos, em um primeiro momento, conhecer quem eram nossos/as alunos/as, o contexto no qual estavam inseridos/as, quais conhecimentos/interesses tinham sobre a Dança, como era o relacionando entre si. Consideramos importante que as aulas fossem atrativas à turma para que ocorressem trocas significativas durante o processo de ensino-aprendizagem.

Além das atividades principais do estágio, também exploramos outras temáticas relacionadas à dança, utilizando jogos e brincadeiras para abordar formações espaciais, presença cênica

e composição coreográfica. Para concluir as aulas, reorganizávamos o ambiente, retornando mesas e cadeiras aos seus lugares, ou, quando voltávamos à sala de aula, solicitávamos que os alunos registrassem em uma folha o que haviam aprendido, destacando aspectos positivos e/ou negativos e outras reflexões. Finalizávamos com uma breve discussão para encerrar o encontro.

Cabe destacar também o processo de avaliação durante o período em que ocorreu o estágio, uma vez que esta é uma parte importante do processo de ensino-aprendizagem. Ao final de cada aula eram levantados os pontos positivos e pontos a serem melhorados enquanto coletivo ativo nas aulas, o que também nos dava a possibilidade de repensar a prática e replanejar quando necessário. Abaixo encontra-se um registro fotográfico do primeiro dia de aula do Estágio na escola.

**Figura 1** - Primeiro dia de estágio.



**Fonte:** arquivo pessoal das estagiárias.

## 1.2. A Dança na escola básica e Laban como estímulo para o estágio em dança

A relação da dança na escola como uma linguagem artística pode ser considerada recente em termos históricos. A Lei nº 13.278, de 2 de maio de 2016 torna obrigatórias as quatro linguagens artísticas (artes visuais, dança, música e teatro) na educação básica no. Essa lei altera o artigo 26, parágrafo 2º, da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996), estabelecendo a obrigatoriedade dessas linguagens no currículo da educação básica. Passado quase 8 anos da criação da referida Lei, ainda enfrentamos uma dificuldade de sua implementação, enfrentando assim escolas sem estrutura para o desenvolvimento das atividades que fazem parte do ensino da dança.

O Estágio em Dança realizado efetivado no currículo da educação básica, pode ao nosso entendimento, contribuir para a inserção desta linguagem artística na escola, uma vez que insere os futuros professores em seu campo de atuação e estabelece, muitas vezes, um contato mais profundo entre a dança e a comunidade escolar. Nesse sentido, Souza et al (2024) acredita que o estágio é uma oportunidade de se tornar professor em formação contínua abre caminho para uma perspectiva inovadora de desenvolvimento profissional ao longo da carreira docente, valorizando o repertório e as vivências do professor em formação, que se refletirão nas aulas ministradas. Os autores supracitados acreditam que a prática docente é construída diariamente na escola, onde as experiências pessoais dos estagiários, as teorias aprendidas na universidade e o contexto da turma onde ocorre o estágio contribuem para moldar o educador em formação no processo de instrução dos alunos da educação básica.

Nesta perspectiva, Valle e Zancan (2023) afirmam que a escola não tem o objetivo de formar bailarinos especialistas. Elas defendem que a dança na escola deve abordar diversos tipos de dança e, mais importante do que ensinar variações específicas, deve trabalhar um amplo repertório de movimentos corporais. Isso pode incluir modalidades diferentes ou mesmo uma dança livre, sem referência a nenhum desses tipos específicos.

A literatura pertinente à dança na educação, escrita em outros contextos e épocas, indicavam enormes desafios, questões

e preconceitos no que diz respeito ao seu ensino na escola. Entretanto este estudo traz outra realidade, onde foi fácil desenvolver conteúdos no ambiente escolar relacionados à dança. Acreditamos então que, dessa forma, cabe a necessidade do poder público criar mais concursos para que a dança na escola em Pelotas definitivamente seja mais efetivada, oportunizando que crianças e adolescentes de todas as regiões possam se desenvolver cognitivamente a partir do trabalho de corpo.

Uma das maiores expectativas que existe sobre o trabalho com dança nas instituições escolares é a crença de que se trata do ensino de alguma técnica específica, porém,

A dança na escola não deve priorizar a execução de movimentos corretos e perfeitos dentro de um padrão técnico imposto, gerando a competitividade entre os alunos. Deve partir do pressuposto de que o movimento é uma forma de expressão e comunicação do aluno, objetivando torná-lo um cidadão crítico, participativo e responsável, capaz de expressar-se em variadas linguagens, desenvolvendo a autoexpressão e aprendendo a pensar em termos de movimento. (Scarpato, 2001, p. 59).

Como uma linguagem artística, a dança pode estimular outras formas de expressão que vão além da linguagem falada ou escrita, despertando no

aluno uma relação concreta de sujeito/mundo. A dança no ambiente escolar não deve priorizar a realização de movimentos corretos e perfeitos como técnicas impostas, pois pode gerar uma competitividade entre os alunos. Não se trata de um modelo pronto ou acabado para a aprendizagem de linguagens, e sim, incentivar a improvisação e a busca do movimento livre. À medida que o aprendiz torna-se consciente do movimento, ele cria passos de sua própria dança, as expressões e as significações de seus movimentos. Assim, ele cria sua própria linguagem e aprende a organizá-la ao entrar em contato com os outros. Dominando o próprio movimento e sendo capaz de se expressar por meio dele. (Jorosky, 2021, p. 158).

Na perspectiva de trabalho com a dança como uma linguagem artística, a proposta de estágio foi pensada e realizada através do tema “Laban”, tendo como objetivo geral proporcionar e estimular a ampliação da capacidade de expressão, movimentação e criação individual e coletiva.

Não tratando propriamente do ensino de uma técnica específica, Laban “almejava que ele (aluno) explorasse ao máximo

as suas possibilidades de movimentação, desenvolvendo a criatividade” (Mommenshon & Petrella, 2006, p.42), ressaltando que o objetivo da Dança enquanto componente curricular da Educação Básica é proporcionar o desenvolvimento integral da/o aluna/o, assim como defende a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), através do movimento.

Dessa forma, compreendemos que a presença da Dança na educação vai além do ensino de uma técnica sistematizada de determinada modalidade, mas sim a partir da possibilidade de desenvolvimento da expressão, criatividade, individualidade, coletividade e diversas outras coisas que podem ser desenvolvidas através do movimento durante o processo de formação integral das/os discentes, e que:

A dança integrada cotidianamente à rotina das escolas e de suas comunidades tende a contribuir enormemente para a quebra de paradigmas e consequente maior valorização desta linguagem artística nos cenários escolar e social, como um todo. (Corrêa; Allemand; Jesus, 2022, p. 11).

Como tema da proposta de projeto de estágio, cabe analisarmos de que forma Rudolf Von Laban enxergava a importância do ensino e da aprendizagem a partir de seus estudos de movimento na dança. Não tratando propriamente do ensino de uma técnica específica, Laban “almejava que ele (aluno) explorasse ao máximo as suas possibilidades de movimentação, desenvolvendo a criatividade” (Mommenshon & Petrella, 2006, p.42), ressaltando que o objetivo da Dança enquanto componente curricular da Educação Básica é proporcionar que o/a aluno/a experimente e explore maneiras de movimentar-se.

Dessa forma, Laban criou a Escola de Artes do Monte Verità com foco além do trabalho artístico, mas também no processo, para que assim os/as alunos/as pudessem experimentar movimentações sem frustrações e preocupações com um produto que quase sempre é esquecido, bem como o processo é ignorado. A partir disso, ele também criou um curso no qual buscava esmiuçar esses objetivos através de permitir aos seus alunos a liberdade nos movimentos, estimulando a improvisação e a criatividade. Sobre seu treinamento corporal é possível dizer que:

Assim, o treinamento corporal de Laban voltava-se muito mais às questões estruturais do movimento, procurando fazer que o aluno se tornasse consciente das relações entre o seu corpo e o espaço, das diferentes rítmicas, da fluência, experimentando essas descobertas não apenas no âmbito das ideias, mas também segundo a própria experiência prática. Com isso, de acordo com Laban, as suas aulas serviam tanto para o artista profissional como para o amador. (Mommenshon & Petrella, 2006, p. 44).

Desde já, ele construía e buscava recursos para a sua Teoria do Movimento. Laban dividiu o que chamam de “processo” em três áreas, a Eucinéctica, a Corêutica e a Kinetography, dentre essas áreas, nos convêm investigar a Eucinéctica já que é o estudo das dinâmicas. Sobre o significado dessa área pode-se dizer que:

Laban percebeu que as ações do corpo, tanto as posturas como os gestos, se originam de impulsos internos. Estes, por sua vez, possuem qualidades reconhecíveis, sendo constituídos por quatro fatores: espaço, tempo, peso e fluência. (Mommenshon & Petrella, 2006, p. 45).

Por conseguinte, os quatro fatores são responsáveis por explorar a criatividade, potência, individualidade, trabalho em conjunto e habilidades de cada aluno/a. Durante cada prática desse estudo, temos como principal meio de linguagem o movimento.

Laban (1978) classificou que qualquer movimento, em maior ou menor grau de manifestação, era composto por peso, espaço, tempo e fluxo, o que ele chamou de “fatores de movimento”. O fator “peso” está relacionado às alterações na força que utilizamos ao executarmos um movimento, podendo ter variações entre leve e forte; o fator “espaço” relaciona-se com o foco do movimento e varia entre direto e indireto; o “tempo” tem a ver com a duração do movimento e possui alterações entre lento e rápido; o fator “fluxo” diz respeito à tensão muscular exercida durante um movimento e tem variações entre contido e livre. O pesquisador também classificou em três níveis a altura espacial dos movimentos, sendo eles: alto, médio e baixo.

Vale destacar que as aulas eram planejadas semanalmente a partir dos planos elaborados pelas estagiárias e, posteriormente, revisados pela professora orientadora. Para manter a organização, todas as atividades eram registradas em um diário de campo, com

anotações sobre o andamento de cada atividade, além de reflexões diárias sobre a prática docente em dança. Como o conteúdo trabalhado estava centrado em Laban, todas as propostas estavam diretamente ligadas aos conceitos por ele desenvolvidos, com ênfase nos planos (baixo, médio e alto) e nos fatores do movimento (peso, tempo, espaço e fluxo).

Ao iniciar cada aula, realizávamos uma breve conversa de retomada dos conteúdos abordados na semana anterior. Em seguida, reorganizávamos o ambiente, afastando mesas e cadeiras para criar mais espaço. Em algumas ocasiões, também utilizávamos áreas alternativas da escola, como a quadra ou o pátio. Depois dessa reorganização, começávamos a primeira atividade (detalhada no plano de aula), que era cuidadosamente pensada para atrair a atenção dos estudantes, seguidas pelas demais propostas. Durante o estágio, exploramos os níveis e fatores de movimento. A compreensão dos níveis foi alcançada rapidamente em uma única aula, o que foi evidenciado pelas experimentações realizadas pelos alunos. Já a compreensão dos fatores de movimento (peso, tempo, espaço e fluxo) foi trabalhada ao longo de várias aulas, facilitando a assimilação desses conceitos.

Portanto, fatores do movimento e níveis foram os conteúdos que desenvolvemos ao longo do estágio, contando também com alguns aspectos e possibilidades de composição coreográfica.

A dança educativa de Laban, ou educação pelo movimento segundo os princípios de Rudolf Laban, é um método pedagógico que utiliza a dança e o movimento como ferramentas de ensino e desenvolvimento pessoal. Rudolf Laban, um coreógrafo e teórico da dança húngaro, desenvolveu uma abordagem sistemática para a análise e a compreensão do movimento humano. Sua metodologia é aplicada na educação para promover a consciência corporal, a expressão individual e a criatividade e foi a partir de seus princípios que desenvolvemos a dança para os alunos do nono ano do ensino fundamental.

## 2. Procedimentos metodológicos

O presente texto é oriundo de uma investigação de natureza qualitativa pois busca compreender um determinado fenômeno em toda a sua complexidade, levando em consideração os aspectos sociais, culturais e históricos que o envolvem (Minayo, 2014). Entre os caminhos possíveis de uma pesquisa qualitativa, nos inspiramos em Josso (2004) que destaca a reflexão sobre a experiência como elemento central na formação docente. Assim, este artigo é fruto das reflexões oriundas da experiência do Estágio em Dança com uma turma do nono ano do Ensino Fundamental de uma escola pública na cidade de Pelotas/RS.

Acreditamos ser importante refletir sobre a experiência do estágio em dança para formação docente e também para a inserção da dança na escola, contribuindo assim com os estudos voltados à dança na escola básica. Para as reflexões apontadas no texto, levamos em consideração as anotações realizadas nos diários de campo do estágio e a coleta de dados que foi realizada através de cartas escritas pela turma da escola envolvida durante o referido estágio.

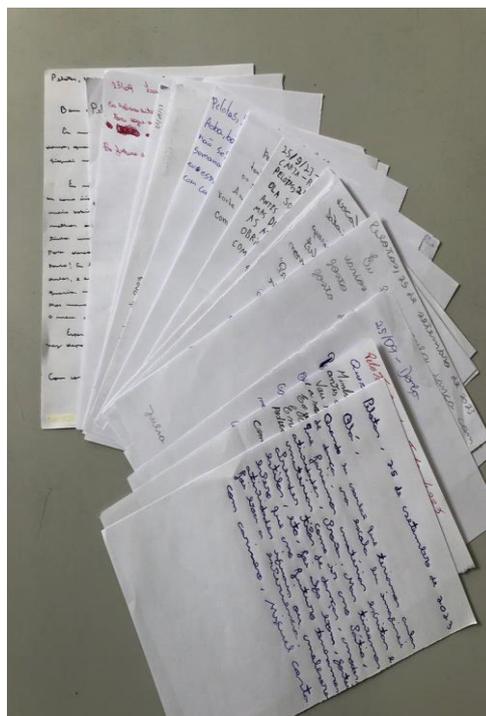
As aulas foram constituídas como teórico-práticas e avaliadas de modo processual - exceto a primeira, pois foi realizada uma avaliação diagnóstica para conhecermos a turma e suas características -, considerando os critérios: envolvimento e contribuições com as aulas; postura ética com os/as colegas e docentes; e elaboração individual de um diário que constavam anotações reflexivas e julgadas importantes ao final de cada aula.

O instrumento para investigação das expectativas das/os alunas/os acerca das aulas de dança, se deu através da escrita de cartas (figura 1) realizadas por elas/es. Para a execução da mesma, disponibilizamos um modelo com instruções de como fazê-la (local, data, saudação, assunto, despedida, assinatura). Orientamos que, durante o desenvolvimento da escrita da carta, a turma refletisse sobre como imaginavam as nossas aulas no momento em que souberam que aconteceriam, no decorrer delas e como poderiam vir a ser no futuro.

Para examinar os dados, utilizamos uma análise de conteúdo que pode ser descrita como “um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que emprega procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens” (Bardin, 2011). Para a etapa da análise dos dados, transcrevemos todas as cartas dos/as alunos/as. Fizemos uma primeira leitura geral, o que Bardin (2011) chama de leitura flutuante. Após essa fase, agrupamos as palavras que se relacionavam, criando assim as grandes categorias. Desta fase agrupamos por temas, as chamadas categorias médias e por final, obtivemos duas grandes categorias.

Para as reflexões propostas também revisitávamos os diários de campo produzidos durante o estágio, neles continham: proposta pedagógica, os planos de aula e as anotações realizadas ao final de cada aula desenvolvida com a turma. Deste modo, as discussões abaixo são frutos de duas grandes categorias: A dança na escola e as expectativas iniciais dos estudantes e Ampliação da compreensão do que é dança: o estágio como campo de descoberta.

**Figura 2** - Cartas dos/as alunos/as do estágio.



**Fonte:** arquivo pessoal das estagiárias.

### **3. A dança na escola e as expectativas iniciais dos estudantes**

Ao iniciar o semestre letivo de 2023/1, no componente curricular Estágio em Dança III, foi necessário que cada discente buscasse por uma escola para estagiar até o fim do semestre. Desse modo, desde o momento da procura por instituições de ensino que atendessem aos Anos Finais do Ensino Fundamental, Ensino Médio e/ou EJA, as expectativas já puderam ser observadas. Visitamos diversos locais e houve muita dificuldade para aceitarem o estágio em Dança dentro do componente curricular de Artes. Dentre os possíveis motivos para isso, acreditamos que seja, em muitos casos, devido às expectativas da própria comunidade escolar que, ainda hoje, inferiorizam ou sequer possuem conhecimento do ensino da dança na escola.

Na primeira tentativa em que finalmente nos receberam, a docente de artes da escola nos apresentou para duas turmas e, ao mencionar que iríamos lecionar aulas de dança, ocorreram as primeiras manifestações de expectativas das/os estudantes. Reações positivas e empolgadas surgiram, porém em número bem menor em comparação às contrárias. Expressões de desgosto, risadas e até comentários como “ah, não!” causaram um certo desconforto nas estagiárias. Pois, apesar de todo preparo que se tem nas disciplinas pedagógicas que antecipam os componentes curriculares de estágio, é no chão da escola que se vivencia na prática os desafios de ser professor/a de dança.

Após muitas outras tentativas e recusas, foi a Escola Municipal Dr. Joaquim Assumpção que as estagiárias em dança assumiram uma turma de 9º ano, do Ensino Fundamental II (Anos Finais). Contudo, podemos destacar que as primeiras impressões quanto à expectativa das/os discentes da turma em questão, não foram muito diferentes do que já havíamos presenciado em outras escolas, e isso foi constatado durante a observação das/os alunas/os em sala de aula. Essa observação acontece antes das estagiárias iniciarem de fato a docência em dança. Serve assim

como um diagnóstico para conhecer a turma, o planejamento da professora regente e, a partir disso, tem-se a base para elaborar uma proposta pedagógica específica para a turma de nono ano.

Para compreender melhor o que esperavam e/ou conheciam a respeito da Dança, elaborou-se para a primeira aula um mapa mental onde cada estudante escreveu uma palavra que, para ela/e, representasse-a. Após analisar esse mapa mental, ficou evidente que o conceito e a visão que possuíam acerca da dança eram bastante limitados e atrelados às técnicas codificadas e também a dança como um momento de lazer. Percebemos também que a turma no geral era extremamente tímida. Houve muito receio de expor o que achavam devido, principalmente, ao medo de errar.

Sobre o que a turma esperava das aulas de dança, percebemos que muitos alunos não tinham expectativas com o trabalho a ser desenvolvido durante o Estágio. Na sequência temos 3 trechos de alunos/as do 9º ano que corroboram com essa percepção: *“Não tinha nenhuma expectativa.”* (estudante N); *“Queridas professoras no começo eu não tinha muitas expectativas, mas conforme as aulas fui gostando e achei muito boa.”* (estudante M); *“Antes das aulas, eu não tive expectativas. Mas depois das aulas, eu achei bem legal as atividades, interessantes e criativas.”* (estudante A).

Essa falta de expectativa talvez resida no fato de que a dança, enquanto linguagem da área de Artes, seja ainda muito recente na escola. A Lei nº 13.278, de 2 de maio está colocada desde o ano de 2016, mas não tivemos entrada o suficiente de Licenciados em Dança no currículo escolar da rede pública de ensino. Os próprios concursos realizados para a rede municipal de Pelotas e também para o Estado do Rio Grande do Sul falham em seus editais quando não reservam vagas específicas para as quatro linguagens artísticas no texto do edital e/ou não compreendem a produção teórica para as provas específicas da dança.

Sobre esta problemática, especificamente na cidade de Pelotas, destacamos o edital 133/2019 da Prefeitura Municipal que não previa vagas específicas para as quatro linguagens artísticas. Na época, houve pressão do Curso de Dança-Licenciatura da UFPel, juntamente com discentes e egressos do Curso.

Este movimento coletivo teve um resultado muito esperado e comemorado, com a abertura de vaga para Professor II - Dança, entretanto não sem equívocos. No lançamento do edital publicado em 04 de outubro de 2019, o conteúdo programático, assim como as referências bibliográficas, baseava-se na Área de Educação Física. (Corrêa et al, 2022, p.10).

Ainda sobre a expectativa sobre as aulas de dança na escola estar relacionada à técnica, ficou mais evidente após a fala de um aluno sobre *breaking*<sup>1</sup>, em que o mesmo indagou se as aulas seriam desse estilo. Ao mesmo tempo, outras/os discentes esperavam por aulas em que sequências seriam realizadas pelas estagiárias, para que as/os estudantes a imitassem repetidas vezes durante os dois períodos de aula, resumindo a dança somente a uma coreografia ensaiada.

Acreditamos que, uma das razões disso frequentemente ocorrer, é pelo conhecimento das pessoas sobre a dança estar mais ligado aos espaços não formais de ensino, que geralmente visam o produto, o resultado, a coreografia/sequência em si. Segundo Côrrea (2021):

Nesse caminho, a dança, ao ser inserida em meio a escala de disciplinas de uma instituição escolar, é um outro tipo de dança, difícil de classificar como o que acontece com as danças acadêmicas (espetaculares, em ambientes não formais de ensino). (Corrêa, 2021, p. 88).

Assim, ressaltamos a importância de a dança ocupar o ambiente escolar enquanto componente curricular para que se possa ampliar os conceitos acerca dessa arte. Como ainda é uma área nova na escola, salientamos que os estágios em dança são importantes para a comunidade escolar, não somente os/as alunos/as, para que possamos ampliar a visão do que é a dança enquanto arte e a importância dela para a formação integral dos sujeitos em formação escolar. Nesta perspectiva ressaltamos a experiência do estágio realizada em uma escola de campo também na cidade de Pelotas/RS nas quais os autores descrevem que:

---

<sup>1</sup> Estilo de dança urbana.

Nesse contexto das aulas de dança os estudantes não apenas aprenderam a criar movimentos para expressar seus pensamentos, mas também a desenvolver habilidades de comunicação e empatia, já que a proposta de dança utilizada estimulava a compreensão do espaço e do corpo, tanto seu com o de seus colegas. Além disso, estas práticas desafiaram as barreiras da timidez e acabaram abraçando a diversidade de perspectivas individuais. (Souza et al, 2024, p.13).

Ao final de cada aula, havia um momento de reflexão com as/os estudantes sobre as práticas e pontos positivos e/ou negativos da mesma e por meio desses retornos ficava cada vez mais nítido o processo de ampliação da concepção de dança que possuíam.

Logo nos primeiros encontros, houve um momento em que conversamos com a turma para que compreendessem que embora em alguns momentos não identificassem imediatamente, todas as atividades propostas tinham relação com a dança e, conseqüentemente, ao realizá-las, todas/os praticavam o dançar. Após isso, as/os discentes trouxeram exemplos do que poderia tornar-se dança e o que a envolvia para além do movimento, sendo até um dos exemplos citados, o estar parado enquanto dança. Essa troca foi importante tanto para elas/es, que desde então mostraram-se melhor e mais receptivas/os às práticas de dança que orientávamos, quanto para nós, visto que nos sentimos instigadas a observar atentamente para essa questão específica da expectativa delas/es sobre nossas aulas.

Sendo assim, após a realização das cartas, ao final do estágio, constatamos algumas semelhanças nas respostas que recebemos. Quando questionados sobre o que esperavam ao receber a notícia de que teriam aulas de dança, alguns disseram que não possuíam nenhuma expectativa. Ao refletir sobre o porquê dessas respostas, concluímos que algumas das possíveis razões para tal, talvez sejam a ausência de vivências anteriores relacionadas com a dança e a carência de incentivo por parte da escola de experiências voltadas para essa arte.

Outras respostas que também se assemelharam, demonstraram certo desprezo em relação às aulas, como expresso, por exemplo, nos trechos: *“imaginei que seriam coisas mais básicas e sem graça”* (estudante A), *“esperava ter aulas chatas de zumba”*

(estudante M), “*seriam apenas aprendendo passos*” (estudante J) e “*só uma aula de dançar uma coreografia*” (estudante L). Com isso, podemos dizer que muitos acreditam que a dança no ambiente escolar está associada somente ao ensino de uma técnica ou sequência/coreografia, o que geralmente acontece em espaços não formais.

Uma das respostas que nos chamou bastante atenção foi: “*imaginei que faríamos matérias, atividades, provas*” (estudante G), indicando que o esperado fossem aulas semelhantes ao que estão acostumadas/os e desenvolvidas de forma tradicional.

Contudo, embora não inesperadas, as respostas foram bem diversas e fundamentadas, levando em consideração que a maioria da turma nunca havia tido aulas de dança, principalmente na escola. É compreensível que a turma tivesse a expectativa de que o trabalho com dança na escola tivesse o viés de outras disciplinas, uma vez sua inserção no currículo escolar é recente a partir da lei nº 13.278/16. Além disso, o corpo na escola vai sendo docilizado ao longo da passagem escolar, como nos apontou Foucault (2014) e o não-movimento destes corpos é uma estratégia em busca de sujeitos obedientes e pouco críticos.

Katz e Greiner (2005) apontam que a escola tradicional, estruturada para manter os corpos sentados e enfileirados, reforça uma cultura que silencia a expressão corporal e valoriza a passividade. Nesse contexto, o corpo é visto mais como um objeto a ser disciplinado do que como um sujeito ativo e criativo. Essa visão cria uma desconexão entre os aspectos físicos e emocionais dos alunos, limitando seu potencial de aprendizado integral. “*A escola, ao longo de sua história, foi estruturada para o não-movimento. O corpo sentado e enfileirado é parte integrante de uma pedagogia que historicamente relegou o movimento a um lugar marginal, criando uma cultura escolar onde o corpo é muitas vezes silenciado e disciplinado*” (Katz; Greiner, 2005, p. 15).

Nesta mesma perspectiva Barbosa (2001) destaca o papel histórico da escola na modelagem e controle do corpo, destacando que, por muito tempo, o ambiente escolar negligenciou o potencial expressivo e criativo do corpo em prol de uma pedagogia baseada na imobilidade e na disciplina. Para a autora, essa lógica tradicional

considera o corpo apenas como suporte para a mente, ignorando sua centralidade no processo de aprendizagem. Assim, o corpo é silenciado, treinado para a passividade e moldado por práticas que privilegiam a obediência em detrimento da autonomia e da criatividade.

Assim, a dança vem na contramão da cultura do não-movimento, possibilita novas formas de expressão e de interação com os outros e com o espaço, desacomoda o corpo na escola e o convida a explorar suas potencialidades de maneira criativa e significativa. Ao introduzir o movimento, a dança questiona as estruturas tradicionais que mantêm o corpo passivo, promovendo uma ruptura com práticas que limitam a autonomia dos estudantes. Por meio de atividades que estimulam a expressividade e a improvisação, a dança transforma o corpo em um instrumento de comunicação e autoconhecimento, valorizando as experiências individuais e coletivas.

### **3.1 Ampliação da compreensão do que é dança: o estágio como campo de descoberta**

Na leitura e compreensão das cartas dos estudantes, identificamos que alguns estudantes tinham o entendimento da dança como coreografia e seu ensino baseado no professor como modelo de passos a serem aprendidos. Como podemos observar nos dois trechos seguintes:

No início, eu pensei que as aulas seriam apenas aprendendo passos e dançando diferentes tipos de música.

Esperava que fosse só uma aula de dançar uma coreografia em conjunto. Graças a deus eu estava errada.

Este entendimento ou visão do que seriam as aulas de dança na escola pode ser decorrente do que se chega ao fator do consumo em arte destes estudantes. Indicamos assim alguns pontos que nos auxiliam na compreensão da dança como um estilo específico ou como um sinônimo de seu produto, como no caso as

coreografias, que fazem parte na escola normalmente em datas festivas.

Deste modo, o entendimento do campo dança restrito ao produto e também a algum gênero, como no caso, o próprio balé pode ser decorrente do processo histórico da Dança. Historicamente a codificação e a formalização da dança, como no balé clássico, contribuíram para a percepção da dança como coreografia. A partir do momento em que certas formas de dança começaram a ser registradas e ensinadas como "repertórios", a coreografia se consolidou como uma parte central da prática da dança.

Nesse sentido, também tem que se levar em consideração o contexto cultural pois, em muitas culturas, a dança é vista como uma forma de arte que envolve organização e estrutura. A coreografia, como uma forma de organizar movimentos no tempo e espaço, se torna o meio pelo qual a dança é entendida e apreciada. Isso também se deve à valorização de obras coreográficas como formas de expressão artística. Assim, isso impacta também na dificuldade de compreensão entre coreografia e improvisação. A distinção entre dança coreografada e improvisação nem sempre é clara para o público geral. Muitas pessoas podem não estar familiarizadas com o conceito de improvisação na dança, ou podem não perceber que a dança pode existir de forma espontânea e sem uma estrutura definida. Como resultado, associam a dança à coreografia porque esta última representa uma forma mais tangível e reconhecível de organizar o movimento.

Sobre este aspecto, destacamos trechos da escrita de dois alunos do nono ano que demonstram que existiam referências de dança como representações coreográficas e também a surpresa em perceber que fazem que a movimentação do corpo em seu cotidiano pode ser dança também.

Eu esperava ter aulas chatas de zumba ou coisa do tipo mas parece que não foi o caso, até que foi divertido de certo modo, aprendi algumas coisas. Movimentos do dia-a-dia também podem ser danças.

*mas depois eu não esperava que seriam ainda mais coisas, tipo, por exemplo, aquela aula do jogo da velha e a outra no dia de*

*chuva, do arremesso de bolinhas e também de orientar o colega para uma posição e uma formação diferente.”*

Ao responderem o que pensam agora, após o decorrer das aulas, sobre a dança, pudemos perceber que houve um grande avanço e evolução no conceito que possuíam sobre a mesma. Como no seguinte trecho: *“movimentos do dia-a-dia também podem ser dança”* (estudante N), que reflete os efeitos das atividades em que as propostas salientavam os movimentos cotidianos e transformação dos mesmos em dança, assim como outra resposta que evidencia a ampliação dos conhecimentos em dança e que dizia: *“confesso que me surpreendi com a imensidão de coisas que vem da dança”* (estudante A).

Das respostas que surgiram acompanhadas de uma surpresa positiva com relação às aulas, uma delas afirmou que, embora tenha gostado e aprendido coisas novas, *“é só uma escola, não tem como fazer muito”* (estudante A). Assim, é possível constatar que ainda há certa desvalorização da dança na escola e deslegitimação da capacidade de seu ensino.

Dessa forma, cabe ressaltar a importância dessa arte na escola durante todas as etapas da Educação Básica para que crenças como essa possam transformar-se e para que a dança educativa assuma seu devido valor.

Após o estágio, podemos observar que os alunos do nono ano ampliaram sua visão da dança, descobrindo assim novos conhecimentos sobre essa arte. Evidenciamos abaixo falas de três alunos/as, obtidas nas cartas, que nos ajudaram nesta percepção:

Quando eu soube que teríamos aulas de dança na escola, eu imaginei que faríamos matérias escritas e atividades, prova. Mas tivemos matérias como ir no pátio, aprender tipos de danças, modos, estilos, etc, foi algo bom, gostei. (Estudante G).

Gostei muito das aulas que tivemos até agora e confesso que me surpreendi com a imensidão de coisas que vem da dança. Minhas expectativas eram diversas, mas esperava que fosse só uma aula de dançar uma coreografia em conjunto. Graças a deus eu estava errada. (Estudante M).

No início, eu pensei que as aulas seriam apenas aprendendo passos e dançando diferentes tipos de música, mas depois eu não esperava que seriam ainda mais coisas, tipo, por exemplo, aquela aula do jogo da velha e a outra no dia de chuva, do

arremesso de bolinhas e também de orientar o colega para uma posição e uma formação diferente. (Estudante L)

Indagados sobre o que esperam para possíveis aulas de dança futuras, algumas/alguns disseram não possuir expectativas e/ou não saber o que esperar, como por exemplo: “não tenho noção se vai ter aula no ensino médio ou faculdade”, ressaltando, mais uma vez, a escassez da dança nas instituições de ensino e, conseqüentemente, a dificuldade de imaginá-la presente na educação.

Manifestações de uma continuidade das aulas voltadas para desejos pessoais também surgiram durante essas respostas. Interesses em danças nativistas, contemporâneas e de salão são alguns dos exemplos que foram mencionados, demonstrando vontade de aproximarem-se da dança de acordo com seus anseios.

A maior parte da turma frisou que gostaria de dar continuidade às aulas. Frases como “*queria muito que nós tivéssemos mais aulas*” (estudante A), “*gostaria que vocês dessem aula de novo*” (estudante M), “*espero continuar com a dança*” (estudante D) e “*espero que tenha mais aulas assim*” (estudante J) confirmam a importância do prosseguimento das aulas de dança e a modificação das expectativas sobre as mesmas quando comparadas ao início do estágio.

Sobre a experiência do estágio na formação de professores/as destacamos como um componente essencial na formação dos/as licenciandos/as em dança, pois proporciona uma vivência prática do contexto educacional e amplia a compreensão dos desafios e possibilidades do ensino de dança nesse ambiente. Por meio dessa experiência, os futuros docentes podem utilizar-se dos conhecimentos teóricos adquiridos ao longo do curso, explorando metodologias, planejamentos pedagógicos e estratégias didáticas que considerem as especificidades do público escolar. Salientamos assim, a importância dos estágios nas escolas de educação básica, que a partir do Projeto Pedagógico de Curso (PPC) da UFPel passam por todas as fases de ensino, da Educação Infantil ao Ensino Médio.

Acreditamos que esse contato direto com o cotidiano da escola básica permite uma visão concreta das dinâmicas da sala de aula, da interação com as turmas e da importância de adaptar a prática docente às necessidades e realidades dos/as estudantes. Assim, após este período de contato direto com a realidade escolar, consideramos o estágio como um elemento fundamental para desenvolver competências práticas que não podem ser completamente exploradas em um contexto apenas teórico.

A partir das experiências de estágio, os/as licenciandos/as aprendem a lidar com situações reais, como a gestão de turma, a elaboração de planos de aula e a condução de atividades que promovam a expressividade e a criatividade por meio da dança. Essa vivência também contribui para o amadurecimento profissional, incentivando a reflexão crítica sobre o papel da dança no contexto escolar e sobre como ela pode ser utilizada como ferramenta pedagógica. Além dos aspectos mencionados acima, destacamos que os processos vivenciados ao longo dos estágios na escola básica também formam a identidade docente pois:

As experiências formam a base para a constituição da identidade docente, pois elas envolvem um processo de planejamento, pesquisa, reflexão, ação e, também, interação entre professor formador, professor da escola, estudantes, funcionários e a comunidade escolar de forma mais ampla. Tudo isso é repleto de uma diversidade e uma multiculturalidade que muitas vezes provocam e desacomodam o futuro professor. (Zanella, Lessa e Corrêa, p.206, 2019).

#### **4. Algumas considerações sobre a experiência do estágio em dança**

Este trabalho é fruto das reflexões oriundas do Estágio em Dança III das séries finais do Ensino Fundamental. O referido estágio aconteceu no ano de 2023 em uma escola pública da cidade de Pelotas e com uma turma do nono ano. Após observação do contexto do estágio, tivemos como escolha trabalhar com os fundamentos de Laban, por acreditar que os alunos podem desenvolver uma maior consciência corporal, entendendo melhor

como seus corpos se movem no espaço e como podem expressar emoções e ideias através do movimento. Nesse sentido, ampliando a compreensão da dança como a reprodução de coreografias.

Para as reflexões deste trabalho, que tinha como objetivo examinar e avaliar as expectativas dos alunos em relação às aulas de Dança antes, durante e após o estágio, assim como as possíveis mudanças em sua compreensão desta arte após a vivência da dança ao longo desse período. Para isso utilizamos a análise de conteúdo a partir das cartas que os estudantes do nono ano da Escola Municipal Dr. Joaquim Assumpção.

Após leitura e análise das cartas e levando em consideração os diários de campo do estágio, tivemos duas grandes categorias que são as expectativas dos estudantes em relação às aulas de dança na escola e também a ampliação da compreensão do que pode ser dança após o estágio desenvolvido. Destacamos a falta de expectativas com as aulas, fato este que pode estar relacionado com as poucas experiências de dança dentro do ambiente escolar e quando se tinha expectativas, estas estavam ligadas aos processos de ensino e aprendizagem de outras disciplinas, que exigem trabalhos e provas teóricas e também a dança como sinônimo de coreografias ou a gêneros específicos.

Salientamos que entre as reflexões apresentadas, a ampliação do que é dança para a turma envolvida no estágio. Percebemos que muitos ampliaram suas visões do que pode ser dança, inclusive a transformação dos movimentos cotidianos em movimentos dançados. Acreditamos que a escolha de se trabalhar com Laban, pode ter contribuído na construção de uma nova compreensão da dança para esta turma específica.

Cabe destacar também que notamos melhorias e um avanço muito importante na interação e relação da turma. Muitas vezes, as/os próprias/os alunas/os relataram isso em seus registros/diários de aula como um ponto positivo. Assim, o estágio foi um tempo de se colocar as teorias em favor das práticas docentes e também como um espaço importante para a compreensão da comunidade escolar sobre o que é dança na escola.

A vivência do estágio é fundamental na formação de professores de dança, pois oferece aos licenciandos uma oportunidade prática de inserção no contexto educacional, permitindo-lhes compreender de forma mais ampla os desafios e as potencialidades do ensino de dança na escola. Essa experiência possibilita que os futuros docentes em dança se utilizem dos conhecimentos teóricos adquiridos durante o curso, experimentando diferentes metodologias, planejamentos pedagógicos e estratégias didáticas adaptadas às particularidades do ambiente escolar.

### Referências Bibliográficas

ALLEMAND, Débora Souto; CORRÊA, Josiane Franken. (Org.) **Dança na escola: pedagogias possíveis de sôras para profês**. São Leopoldo: Oikos, 2021.

BARBOSA, Lúcia Maciel de Faria. **Dança na escola: possibilidades e desafios**. São Paulo: Cortez, 2001.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa (Po): Editora Edições 70; 2011.

BRASIL. **Lei n. 13.278**, de 2 de maio de 2016. Altera o § 6º do art. 26 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que fixa as diretrizes e bases da educação nacional, referente ao ensino da arte. Diário Oficial da União, Brasília, 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: <https://www.gov.br/educacao/pt-br/assuntos/BNCC>. Acesso em: 29 dez. 2024.

CORRÊA, Josiane Franken; ALLEMAND, Débora Souto; JESUS, Thiago Silva de Amorin. As danças na educação básica: nas festas escolares e para além delas. **ARJ – Art Research Journal: Revista de Pesquisa em Artes**, [S. l.], v. 9, n. 2, 2022. DOI: 10.36025/arj.v9i2.28817. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/artresearchjournal/article/view/28817>. Acesso em: 29 dez. 2024.

CORRÊA, Josiane Franken; DA SILVA, Carolina Pinto; NASCIMENTO, Flávia Marchi; DA SILVA, Janete Rodrigues. VAGAS E NOMEAÇÕES PARA A ÁREA DA DANÇA EM PELOTAS RS. **Revista da FUNDARTE**, [S. l.], v. 48, n. 48, 2022. DOI: 10.19179/rdf.v48i48.927. Disponível em: <https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/article/view/927>. Acesso em: 14 ago. 2024.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramallete. 41. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

JOROSKY, Narda Helena. Dança educativa no ambiente escolar a luz da proposta de Rudolf Laban. **Revista Hórus**, v. 4 n. 1. 2010.

JOSSO, Marie. **Experiência de Vida e Formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

KATZ, Helena; GREINER, Christine. **Corpo: pistas para estudos indisciplinados**. São Paulo: Annablume, 2005.

LABAN, Rudolf. **Domínio do Movimento**. São Paulo: Summus, 1978.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. (Org.). **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14ª ed. Rio de Janeiro: Hucitec, p. 408, 2014.

MOMMESHON, Maria & PETRELLA, Paulo. **Reflexões sobre Laban, o mestre do movimento**. São Paulo: Summus, 2006.

SOUZA, Marco Aurelio da Cruz; MARCHI NASCIMENTO, Flávia; DORNELLES CHAGAS, Jean; IRACET, Filipe. A INSERÇÃO DA PRÁTICA DE DANÇA EM UMA ESCOLA DE CAMPO: PROCESSOS DE CRIAÇÃO COREOGRÁFICA. **Revista da FUNDARTE**, [S. l.], v. 59, n. 59, p. e1421, 2024. DOI: 10.19179/rdv.v59i59.1421. Disponível em: <https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/article/view/1421>. Acesso em: 10 ago. 2024.

SCARPATO, Marta Thiago. **Dança Educativa: Um Fato Em Escolas De São Paulo**. Centro de Estudos Educação e Sociedade, 2001.

VALLE, Flavia Pilla do; ZANCAN, Rubiane Falkenberg – Dança na Escola... Para Quê? **Rev. Bras. Estud. Presença**, Porto Alegre, v. 13, n. 1, e123696, 2023. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2237-2660123696vs01>. Acesso em: 20 jun. 2024.

ZANELLA, Andrisa Kemel; LESSA, Helena Thofehrn; CORRÊA, Josiane Gisela Franken. O estágio no Curso de Dança: reflexões sobre docência, formação e conhecimento em dança. In: OLIVEIRA, A. C. M.; SOUZA, C. M. (orgs.). *O estágio no Curso de Dança: reflexões sobre docência, formação e conhecimento em dança*. Curitiba: Appris, 2019.



REALIZAÇÃO



**UFRJ**

PPGDAN  
UFRJ

*Anda*  
associação nacional de  
pesquisadores em dança